

Cadernos de Cultura e Ciência

Culture and Science Periodicals

01

Ensaaios e Resenhas

Crônica de uma reviravolta anunciada

Chronicle of an announced turnabout

Renata Marinho Paes*

Universidade Regional do Cariri, Departamento de Ciências Sociais.

Crônica de uma reviravolta anunciada

Chronicle of an announced turnabout

Renata Marinho Paes*

Universidade Regional do Cariri, Departamento de Ciências Sociais.

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar as recentes transformações nas relações entre a diocese de Crato e as romarias de Juazeiro. Será dada ênfase nas três últimas décadas, sobretudo aos últimos cinco anos, período de intensas transformações que configuram uma guinada na postura da direção do palácio episcopal face às romarias de Juazeiro.

Palavras chave:

ABSTRACT

The purpose of this article is analyze the relations between the Catholic Church and the pilgrimages to Juazeiro. I will emphasize the last three decades, mainly the last five years, period o intense transformations that figure a great change in the posture of the Episcopal Palace direction face to pilgrimage of Juazeiro.

Key words:

As romarias a Juazeiro do Norte foram engendradas em fins do século XIX, em torno dos fatos extraordinários envolvendo o padre Cícero e a beata Maria de Araújo, que deram início à questão religiosa envolvendo o padrinho e a hierarquia eclesiástica¹. Esta questão resultou no amplo combate por parte das autoridades religiosas ao movimento romeiro e às representações e práticas devocionais populares. Por causa disso, durante décadas, a atitude da Igreja católica frente ao movimento sócio-religioso de Juazeiro foi de intolerância e rejeição. Considerada como um centro de fanatismo e sectarismo pela Igreja, para os devotos Juazeiro é uma cidade santa, local que, a despeito das proibições e da omissão da hierarquia eclesiástica, continua a atrair devotos que buscam a “terra da mãe de Deus”, lugar sagrado de significado primordial para a religiosidade vivida pelos sertanejos.

Esta postura das autoridades eclesiásticas estava pautada num conjunto de *habitus*² cujos elementos centrais eram a virtude moral, a disciplina, a obediência às autoridades eclesiais e a ortodoxia das crenças e práticas religiosas. A orientação geral dada às dioceses, especialmente as nordestinas, era de não

estimular a devoção ao padre Cícero e a realização de romarias a Juazeiro. De um modo geral o clero, sobretudo o cratense, cerrava fileiras contra o padre Cícero e o movimento romeiro, opondo-se às expressões de fé e devoção consideradas fanáticas e supersticiosas, como as manifestas em Juazeiro.

O engendramento deste habitus que influenciou várias gerações de padres formados nos seminários nordestinos tem suas raízes na política de romanização da Igreja católica no Brasil, que teve com um de seus objetivos principais o reforço de seu aparelho eclesiástico institucional, resultando na criação de novas dioceses e de pólos formadores de padres sintonizados com a proposta romanizadora. No Ceará, após a criação da diocese em 1853, foram fundados os seminários de Fortaleza e do Crato. A ampliação e o controle sobre a formação sacerdotal visavam o fortalecimento do aparelho eclesiástico, condição para a evangelização das massas segundo os preceitos romanizados, o que equivale dizer no caso em tela, qualificar negativamente e combater as práticas religiosas discrepantes daquelas estabelecidas pelos cânones da Igreja, como aquelas vivenciadas em Juazeiro.

¹ Para maiores informações sobre os milagres da hóstia e a questão religiosa de Juazeiro, ver Della Cava (1976), Paz (2005), entre outros.

Durante quase setenta anos, tanto a diocese do Crato, quanto os padres das localidades de origem dos romeiros, negligenciaram a realização de trabalhos pastorais. A orientação era ignorar o movimento e o tipo de religiosidade vivenciada em Juazeiro. Neste contexto de desprezo e omissão por parte do palácio episcopal, qualquer trabalho realizado com os romeiros tendia a ser considerado como instrumento de fanatização.

Na ausência de uma política pastoral diocesana em relação às romarias, começaram a surgir iniciativas individuais a cargo de alguns padres e leigos, num esforço para compreender a fé do sertanejo em sintonia com seu ethos e sua visão de mundo, pautados na percepção da necessidade premente de realizar um trabalho de acolhida junto aos devotos.

Uma dessas iniciativas estava a cargo do padre Murilo de Sá Barreto, um dos precursores na realização da acolhida pastoral aos romeiros em Juazeiro. Tendo iniciado suas atividades junto à paróquia de Nossa Senhora das Dores, em 1958, padre Murilo, carismático, hábil comunicador, e interessado na realização da acolhida aos romeiros, sempre teve seu nome relacionado a esses trabalhos, a despeito do cerceamento proveniente do palácio episcopal e da própria formação dada ao clero naquele período. Este trabalho, realizado de forma isolada, começou a ganhar uma coloração distinta com a chegada das irmãs de Nossa Senhora, cônegas de Santo Agostinho, Anette Dumoulin, professora de psicologia da religião na Universidade de Louvain, na Bélgica, e Teresa Guimarães, que realizava pesquisas para sua tese de doutorado na mesma instituição, em meados dos anos de 1970.

Neste período, a paróquia de Nossa Senhora das Dores começou a desenvolver de modo mais sistemático uma pastoral com os romeiros, a partir da iniciativa das irmãs. Interessadas em estudar líderes religiosos populares, as irmãs chegaram em Juazeiro em 1974, após um período de um ano na periferia de Recife, onde fizeram trabalhos de observação. Através de contatos informais, acabaram recebendo um

convite para conhecer Juazeiro, um vasto laboratório de pesquisas no campo da religiosidade popular, local efetivamente escolhido para realização de seus trabalhos.

Atuando muitas vezes de forma isolada, contando apenas com o apoio de alguns sacerdotes e leigos³, padre Murilo ao conceder espaço para o trabalho desenvolvido pelas irmãs, agregou esforços e fomentou as condições para que a sua paróquia se destacasse na realização de trabalhos pastorais junto aos romeiros. Sobre sua articulação com o trabalho desenvolvido pelas irmãs ele diz que

“(...) fiquei por muito tempo atendendo e no atender fui crescendo, e como eu precisava de um respaldo científico, porque a ação pastoral não é desencarnada de conotações sociológicas, psicológicas, de religião, sobretudo, nós nos escudamos nas propostas que as psicólogas de religião nos ofereceram e que repousam entre as irmãs e pessoas afeitas à equipe de romaria que constituímos para tirar as teses da estante e colocar a serviço dos romeiros (Entrevista concedida ao jornal O Povo de 20.07.2004)”.

O trabalho coordenado pelas irmãs e realizado pela equipe de pastoral de romaria foi, desde o princípio, marcado pelo contato direto com o romeiro e por uma autonomia relativa em relação à paróquia, embora estivessem vinculadas a ela. Segundo elas, a pedagogia do padre Murilo facilitou seu trabalho no sentido de permitir que elas atuassem, dando-lhes espaço para realizarem suas atividades sem uma intervenção direta, embora pudessem sofrer algum tipo de controle. O fato da diocese não possuir nenhuma política pastoral e de ignorar as romarias facilitou e, de certo modo, contribuiu para esta autonomia em termos de proposição de idéias e formas de atuação. A respeito desse controle, as irmãs relataram que este se deu principalmente no início dos trabalhos.

² *Habitus* seria, na perspectiva de Bourdieu, um “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e representações que podem ser objetivamente “reguladas” ou “regulares” sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las, e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro” (Op. Cit. Miceli, 2001, p. XL). O *habitus*, enquanto produto da incorporação de uma estrutura social sob a forma de uma disposição quase inata, natural, seria uma ponte não determinista entre a norma e o uso desta norma, pois o sujeito realiza escolhas, criando singularidades. O sujeito, ou o agente, para utilizar a terminologia de Bourdieu, é aquele que lida com o constrangimento e a liberdade, que joga de acordo com as normas. Cada campo possui um esquema de funcionamento que se traduz num *habitus* que leva à incorporação quase que inconsciente de suas regras.

Um exemplo diz respeito aos benditos, um dos principais instrumentos pastorais utilizados por elas, e que sofreu restrições.

“Anette – O primeiro bendito que nós colocamos, eu me lembro bem, não sei mais a data... No final fez referência a padre Cícero, era “Ofereço esse bendito/ a toda corte celeste/ e a meu padrinho Cícero/ Patriarca do Nordeste”. Mostramos o bendito a padre Murilo e ele ficou muito preocupado com o oferecimento. Eu disse: mas padre Murilo, a gente não pode cantar esse bendito dentro da igreja? Era “Quem matou não mate mais”. Ele disse: é, pode, mas o último refrão na igreja vocês não cantam. Vocês podem cantar na reunião, mas na igreja não podem.

Teresa – Porque o bispo ouvindo...

Anette – Então ele tinha realmente o receio e ao mesmo tempo ele dizia o “Viva padre Cícero”! Quando a gente chegou, já tinha começado, mas durante muitos anos padre Murilo nem isso lançava no final da missa. Ele só começou a fazer porque os padres de fora vinham e diziam “Viva padre Cícero” e ele ficava calado com medo. Ele teve momentos, ele teve momentos difíceis de saber até aonde podia ir sem criar problemas (Entrevista concedida em Juazeiro do Norte, em 25.03.2004)”.

A acolhida através de conversas, aconselhamentos, que permitiam a aproximação do romeiro pautada na convivência, no estudo e na compreensão de seu universo simbólico, sempre foi uma das preocupações basilares nas ações da equipe de pastoral de romaria da paróquia. O trabalho das irmãs abarcava uma série de propostas que, reunidas, visava acolher o romeiro, valorizar sua cultura e sua religiosidade e promover a sua aceitação junto aos padres. Num contexto em que a orientação emanada pelas dioceses nordestinas era de silenciar sobre o padre Cícero, e que os padres formados nos seminários não viam com bons olhos o movimento romeiro, tratava-

se de uma ação pastoral seminal para as mudanças que iriam acontecer posteriormente no que tange à postura da Igreja face às romarias ao Juazeiro.

Em 2001, o quadro de omissão da diocese de Crato começou a se modificar de maneira significativa. Com a entrada de Dom Fernando Panico, a postura da diocese vem sendo alvo de intensas transformações no que se refere a Juazeiro e ao padre Cícero.

Ao contrário de seus antecessores, Dom Fernando possui vasto interesse e experiência no trato com a religiosidade popular. Isto, somado à sua vivência junto a comunidades pobres nordestinas, aliado ao desejo de acolher pastoralmente os fiéis e ao impulso dado pelo apoio de Roma, fez com que imprimisse um olhar diferenciado sobre Juazeiro, colocando as romarias no cerne de suas preocupações pastorais, objetivando envolver toda a diocese. Nesta perspectiva, a fé e a renitência do romeiro servem de modelos para um novo tempo que se inaugura na diocese de Crato. Ao invés de combater ou simplesmente negar a existência das romarias, assume-as como principal fenômeno religioso que caracteriza não só a região abarcada por esta diocese, mas que envolve outras tantas dioceses nordestinas, devendo, portanto, ser alvo de intensos trabalhos pastorais.

Com sólida formação religiosa e acadêmica, Dom Fernando é o primeiro bispo estrangeiro a ocupar o palácio episcopal do Crato. Detentor de outro tipo de formação sacerdotal, a questão do padre Cícero e os problemas relacionados à religiosidade popular não eram candentes, ao contrário. Indagado sobre os motivos de sua indicação para a Diocese do Crato, Dom Fernando, de modo um tanto evasivo, disse-me desconhecer os meandros deste processo, informação ratificada pelo assessor da CNBB, Aroldo Braga, que afirmou que qualquer um que assumisse essa postura seria chamado de bispo romeiro.

Apesar desta postura evasiva de Dom Fernando, padre Neri Feitosa, estudioso da história de Juazeiro e do padre Cícero, numa entrevista concedida ao jornal *O Estado de São Paulo*³, afirmou que o quinto bispo do Crato assumiu a diocese missionado pelo Vaticano,

³ Estas ações eram desenvolvidas, por exemplo, pelas Filhas de Maria, pelos padres Salesianos, que celebravam missas no Horto e mantinham o Museu Padre Cícero, antiga residência do padrinho e local de visitação obrigatória no itinerário dos romeiros na cidade, e pelo acolhimento realizado pelos padres Murilo de Sá Barreto e José Alves de Oliveira, da paróquia de Nossa Senhora das Dores, através das missas, confissões e aconselhamentos realizados na capela do Socorro e na matriz de Nossa Senhora das Dores. Segundo o padre alagoano Manoel Henrique de Melo Santana, naquele Estado os primeiros padres a trabalhar com os romeiros e a celebrar a devoção ao padre Cícero foram o padre Abelardo Pereira, de Atalaia e monsenhor Benício Barros Dantas, de São Miguel dos Campos (Depoimento concedido em Juazeiro do Norte, em 22.07.2004). Com o apoio de padres de fora da Diocese de Crato, Monsenhor Murilo de Sá Barreto, pode desenvolver seu trabalho de acolhimento durante as romarias, pois a maioria dos clérigos da sua própria Diocese era avessa a esse tipo de atividade e, não raro, considerava que este tipo de ação estimulava o fanatismo.

sob a influência do então cardeal Joseph Ratzinger, atual papa Bento XVI, na época prefeito para a Congregação para a Doutrina e a Fé, ex-Santo Ofício, impulsionado pelos inúmeros pedidos de reabilitação do padre Cícero feitos junto ao Vaticano e encaminhados à CNBB⁴ (edição de 04.08.2002). Teria pesado na balança para esta indicação a influência do salesiano Valério Breda, bispo de Penedo (AL), que mantém boas relações com Dom Tarcísio Bertoni, braço direito do cardeal Ratzinger.

Todavia, os fortes impactos provocados pelas mudanças introduzidas por Dom Fernando não podem ser compreendidos numa perspectiva voluntarista. As transformações em curso na diocese do Crato devem ser entendidas num arcabouço mais amplo de mudanças no cenário religioso, sem desconsiderar os fortes interesses de ordem econômica e política que envolvem as romarias. Entender essas transformações apenas como resultado da mudança de postura da direção do palácio episcopal é obliterar a gama de fatores que engendram esse processo.

Um primeiro elemento a ser considerado é a concorrência no mercado religioso. Embora Juazeiro seja um espaço religioso tradicionalmente alicerçado no catolicismo, há que se considerar, sobretudo, o avanço pentecostal sobre as camadas mais baixas da população. Os romeiros que afluem a Juazeiro são provenientes dos mais diversos Estados nordestinos, e o esforço da Igreja é de abarcá-los, procurando com isso atingir também suas comunidades de origem. Face ao intenso proselitismo pentecostal, a utilização do momento das romarias, em que se aglomeram milhares de peregrinos é fundamental para o fortalecimento do catolicismo.

Um segundo aspecto a ser considerado é que padre Cícero e Juazeiro podem ser enquadrados no bojo das remissões que vem sendo encetadas pela Igreja a partir de seu Jubileu. Com o aval da CNBB, em julho de 2001 teve início o empenho para a realização de estudos mais aprofundados sobre o padre Cícero. Esta iniciativa coaduna-se com o interesse do Vaticano de se aproximar das grandes figuras da religião banidas ao longo da história.

Um terceiro ponto a ser considerado diz respeito à necessidade de se tentar exercer um “controle” sobre

o movimento, a ser realizado através de ações pastorais direcionadas por uma política diocesana, já que o trabalho que vem sendo realizado até então deriva de iniciativas localizadas. A adoção de uma visão pastoralista perante Juazeiro, tônica do episcopado de Dom Fernando, reflete a necessidade da Igreja controlar o movimento, significativamente a maior romaria do Nordeste e a maior realizada espontaneamente, até então sem os auspícios ou incentivos da Igreja.

A Diocese de Crato nasceu sob a égide da romanização, marcada por fortes interesses institucionais, mantendo-se afeita a princípios conservadores e doutrinários, com pouco espaço para a fermentação de movimentos populares e progressistas. Em relação a Juazeiro manteve uma postura oficial de silêncio e distanciamento vigilante, que começou a ser oficialmente modificada com a entrada de Dom Fernando Panico, que traz à tona de modo institucional a preocupação com as romarias a Juazeiro, conferindo-lhes uma tônica pastoralista, além de retomar o debate sobre a polêmica figura do padrinho, imprimindo-lhe uma visão positiva. Através da posição ocupada na estrutura da diocese, Dom Fernando começa a questionar o conjunto dos *habitus* que fundamentam as práticas e representações do clero e de parcela da população caririense, promovendo uma reconfiguração no campo religioso católico na região, cuja dinâmica atualmente é marcada pelo maior interesse dos setores dirigentes da Igreja em se voltar oficialmente para Juazeiro e o padre Cícero. Em termos gerais, no campo religioso⁵ católico em tela, historicamente tem-se a configuração de um aspecto relacional entre o chamado catolicismo popular e o romanizado, marcado ao mesmo tempo pela tensão e pela aproximação, na medida em que romeiros e devotos do padre Cícero compartilham com as autoridades religiosas que combatiam o movimento de Juazeiro uma mesma base religiosa que, caso não existisse, não possibilitaria sequer o estabelecimento da tensão. São católicos, embora as maneiras de praticar e representar esta religião variem bastante.

Os santos, os sacramentos e, num sentido mais amplo, a doutrina é recebida da ortodoxia, sendo continuamente transformada, podendo adquirir

⁴ Um manifesto com seiscentas mil assinaturas colhidas no Centro de Tradições Nordestinas, em São Paulo, solicitou a abertura do processo de canonização do padre Cícero. Em 1997, durante a visita de João Paulo II ao Brasil, Dom Cláudio Hummes, então arcebispo de Fortaleza, entregou ao papa outro documento com o mesmo pedido (Correio Brasiliense, 07.10.2001).

colorações distintas, às vezes até contrárias às proposições doutrinárias, como a idéia da ocorrência de uma segunda redenção no caso do derramamento de sangue das hóstias na boca da beata. A despeito do combate e das proibições oficiais face às romarias e à devoção ao santo do Juazeiro, os romeiros e devotos mantiveram-se fiéis à sua forma de ser católicos.

Esta renitência duradoura dos leigos, que fez com que o movimento sócio-religioso de Juazeiro crescesse cada vez mais, a despeito dos prognósticos negativos da hierarquia eclesiástica que julgava que o movimento arrefeceria com a morte do padrinho, aliada à concorrência no mercado religioso, com a penetração de novas seitas e religiões, e o próprio reposicionamento da Igreja pós-conciliar perante a religiosidade popular, provocou a necessidade dos especialistas “recuperarem” essa produção leiga que até então era deslegitimada.

O processo de aproximação da Igreja do Crato com o padre Cícero e com as romarias àquela localidade traduz, em última instância, esse movimento de recuperação da devoção e da piedade popular vigente em Juazeiro, denotando a complementaridade entre as partes que compõem o campo. Ou seja, o movimento não se dá apenas através da imposição de cima para baixo, dos especialistas para os leigos, mas também no sentido contrário, promovendo uma movimentação recíproca entre as partes. Além disso, há que se considerar que a própria renitência dos devotos, ao mesmo tempo em que promove o movimento de recuperação ou de apropriação por parte da Igreja em relação à piedade popular, também faz com que a ortodoxia tenha que firmar ainda mais suas posições.

Outro aspecto a ser observado na configuração deste campo é que ele não é composto de forma dual entre, de um lado, leigos, e do outro, especialistas. É preciso considerar as relações de concorrência que envolvem e opõem os especialistas no interior do campo religioso e as forças que o constituem. No caso em tela, há uma divergência entre os especialistas, que toma impulso com a chegada de Dom Fernando. O pequeno grupo de padres e religiosas

que realizava por iniciativa própria trabalhos pastorais com os romeiros e que buscava compreender o *ethos* e a visão de mundo sertaneja, e que tendia a se aproximar da religiosidade vivida pelos devotos do padrinho passa agora a ter o apoio oficial do palácio episcopal. De marginais face à estrutura tradicional da diocese, tornam-se a vanguarda neste processo de configuração de um novo olhar sobre o padre Cícero e as romarias de Juazeiro, contribuindo para a movimentação das forças que compõem o campo religioso em tela.

Uma das primeiras ações de Dom Fernando foi a constituição de uma Comissão de Estudos para reabilitação histórico eclesial do padre Cícero, composta por especialistas de diversas áreas do conhecimento (Antropologia, Sociologia, Teologia, História, etc.), incumbida de se debruçar sobre a vasta produção literária e documental a respeito de Juazeiro e do padre Cícero. O objetivo desta Comissão é aprofundar os conhecimentos e reflexões sobre o assunto, com a finalidade de embasar o bispo em seus posicionamentos e decisões. Ao buscar subsídios mais consistentes, parece-me que Dom Fernando pretende se distanciar das posturas polarizantes mais comuns a respeito deste assunto. Sobre o papel a ser desempenhado pela Comissão de Estudos, padre Murilo afirma que:

“Juazeiro não conhece o padre Cícero. Já o colocou aureolado no altar e, por conseguinte, não tem coragem de estudá-lo. Precisa conhecer mais, estudar... Por muito tempo, como a disciplina eclesiástica abafou essa realidade, em razão da disciplina do fato religioso, o povo ficou com medo de conversar sobre o padre Cícero; agora nós temos um bispo que abre o sinal e através de um documento da Igreja, nos permite mobilizar o povo (Entrevista concedida ao Diário do Nordeste, Caderno Especial de 24.03.2004)”.

Duas Comissões haviam sido constituídas em fins do século XIX para tratar de assuntos referentes a Juazeiro. Esta terceira, formada mais de um século depois, não possui atribuições deterministas como as duas primeiras, na medida em que sua função é assessorar o bispo. Recentemente Dom Fernando tornou público que a constituição desta Comissão de

⁵ As análises de Bourdieu a respeito da noção de campo religioso, são valiosas para a compreensão destas transformações, na medida em que o campo, mais que uma acepção teórica ou generalizante, é um elemento que permite a leitura da situação sócio-religiosa de Juazeiro, pois se constitui numa realidade que vai tomando forma no interior do processo que o engendra, e que nos últimos anos, com a aceleração do processo de transformação na postura das autoridades eclesiais, vem adquirindo um contorno bastante específico.

Estudos foi avalizada pelo então cardeal Joseph Ratzinger. Segundo Dom Fernando, durante a missa de ação de graças pela eleição do novo papa, na catedral da Sé, em Crato.

“Os estudos para o processo de reabilitação do padre Cícero foram orientados pelo cardeal Joseph Ratzinger, atual papa Bento XVI (...). Não é o bispo do Crato na sua ingenuidade ou na sua temeridade, como alguns podem pensar e dizer que quis esses estudos sobre o padre Cícero. Foi o próprio Cardeal Ratzinger, hoje papa Bento XVI que, duas vezes em Roma, num contato pessoal, ouviu do bispo da Diocese um relato sobre os fenômenos das romarias, da religiosidade popular (Diário do Nordeste, 21.04. 2005)”.

Trata-se de mais um forte elemento que denota a guinada na orientação do palácio episcopal em relação ao padre Cícero e às romarias de Juazeiro, que tem como uma de suas principais marcas o aval do Vaticano. Um dos resultados mais significativos dos trabalhos desta Comissão, cujos resultados foram discutidos com os bispos e o presbitério do Ceará, foi oferecer subsídios ao clero do Crato para uma maior compreensão a respeito do tema e, sobretudo, para uma mudança na importância e no tratamento dado aos romeiros⁶.

Inicialmente este conjunto de estudiosos foi denominado Comissão de Estudos para a Reabilitação Histórico-Eclesial do Padre Cícero. Contudo, a expressão reabilitação histórico eclesial suscita uma série de questões. Segundo o dicionário Michaelis, o termo reabilitar significa “restituir a alguém os direitos que tinha perdido; restituir à estima pública, à estima de alguém; regenerar moralmente”. Levando-se em consideração o modo como historicamente a Igreja se posicionou diante do padre Cícero, ela poderia realmente reivindicar sua reabilitação. Reabilitar aqui diz respeito a uma ação norteada pelos valores tradicionais do clero cratense que via o padre Cícero e o movimento romeiro como um cancro na diocese. Entretanto, a análise e a compreensão da história deste personagem e de Juazeiro, intrinsecamente relacionadas, deixa claro que, face à Igreja, o padrinho poderia ser reabilitado. Mas aquele que é

considerado santo por milhões de devotos e cujas virtudes religiosas e morais são alvo de admiração e servem de modelo para os sertanejos que espontaneamente sempre fizeram e continuam cada vez mais a fazer romarias ao Juazeiro não precisa ser restituído à estima pública ou regenerado moralmente. Trata-se, ao final de contas, do reposicionamento da Igreja perante o padre Cícero e Juazeiro.

Para o povo padre Cícero já é santo, a despeito da questão religiosa e do não reconhecimento da Igreja. Embora esta estabeleça uma série de princípios rígidos no que tange à devoção e à canonização, a religiosidade popular segue outros parâmetros. O padrinho é considerado pelo povo como sendo virtuoso, generoso, dedicado, e que, apesar de perseguido pelas autoridades diocesanas, manteve-se submisso e obediente, elementos que confirmam aos olhos do devotos sua santidade. A atitude da Igreja de promover a sua legitimação oficial tardia seria uma espécie de reconhecimento de algo que o povo já teria efetivado há tempos.

Se hoje a autoridade episcopal considera que é a “graça de Deus” (Carta Pastoral, 2001, p. 4) que suscita o movimento romeiro, há cerca de cem anos era a astúcia de comerciantes interessados em lucrar com a ignorância e o fanatismo dos devotos. Trata-se, pois, de uma verdadeira guinada que reflete a reorientação da Diocese no que se refere ao padre Cícero, ao Juazeiro, às romarias e à religiosidade popular num sentido mais amplo. Novos tempos em que se questiona o posicionamento da Igreja e a atitude de bispos e padres, atados à disciplina, à hierarquia e à rigidez canônica romanizada. Segundo Dom Fernando, hoje se deve “assumir as possíveis falhas humanas de uma instituição que, em alguns momentos, se ateu de maneira ferrenha a uma tradição eclesiástica mais que eclesial” (Ibidem).

Neste processo de validação das romarias, a valorização da religiosidade popular faz com que as formas de expressão da devoção peregrina, antes combatidas, também sejam redimensionadas. Considerados como manifestações de fanatismo, o gestuário romeiro, os ritos penitenciais, as oferendas, os ritos de ligação através dos ex-votos e das

⁶ A visão de alguns bispos do Ceará parece ressaltar a importância de se fazer uma análise acurada e ponderada acerca do padre Cícero. Para Dom Aldo Pagoto, bispo de Sobral, um dos propósitos desses estudos deve ser de combater duas versões equivocadas: a de que padre Cícero fosse contrário ao Vaticano e a de que ele é santo. Corroborando essa perspectiva, Dom José Haring, bispo de Limoeiro do Norte afirma que “tudo o que os devotos do padre Cícero querem, porém, é que a reabilitação histórica reaproxime Padim Cicho da Igreja católica. E que um dia o padre seja beatificado – para o povo, na verdade, seria melhor santificado. O santo do povo” (Depoimento concedido ao jornal Correio Braziliense de 07.10.2001).

inscrições nas estátuas e pedras adquirem oficialmente nesta segunda Carta o status de expressões legítimas de uma aliança entre o devoto e o santo, embora sejam de um santo não canonizado e os espaços, como o Santo Sepulcro, não possuam o controle da Igreja.

Na realidade, trata-se de uma mudança de perspectiva no que se refere à cultura popular, através da valorização de alguns aspectos do catolicismo popular. Esta ida ao povo, para utilizar uma expressão de Carlos Steil, estaria orientada por um “princípio romântico” (1996, p. 258) que busca compreender a cultura popular e aprender com ela, visando estabelecer um diálogo e superar barreiras culturais. Este diálogo permitiria um retorno regido pelo “princípio iluminista”, em que católicos esclarecidos poderiam fazer uma “construção razoável das crenças populares” (Idem).

Cabe aqui uma reflexão sobre as concepções de Igreja envolvidas neste processo. Historicamente, sobretudo nos momentos mais acalorados da Questão Religiosa, as autoridades diocesanas de Fortaleza e depois do Crato enfatizavam a idéia de uma Igreja fundada numa sólida estrutura hierárquica, disciplinada, apegada a rígidos princípios doutrinários. Por outro lado, havia o movimento romeiro, católico, renitente, que persistiu com suas práticas e representações e, sobretudo, com a devoção ao seu padrinho, apesar do combate da hierarquia eclesial. Em outras palavras, a Igreja do Crato (não confundir com a diocese) considerava o movimento de Juazeiro, ou a Igreja do padre Cícero, num sentido mais amplo, como um cancro no interior da diocese. Então ao se referir à Igreja do Crato como sendo marcada por um movimento secular de romarias, a carta reflete uma releitura e uma apropriação (e, porque não dizer, uma remissão), em que se começa a minar uma sólida estrutura, ao colocar as romarias como a maior riqueza da diocese. Validação e valorização são dois processos que caminham juntos neste movimento de abertura e recuperação da Igreja diante das práticas e representações católicas populares.

É comum a referência à Diocese de Crato como sinônimo de Igreja do Crato. Entretanto, desde o princípio do século passado, por razões que envolvem mais aspectos políticos e econômicos que religiosos, e que causaram fortes impactos no campo cultural e na formação das identidades locais, há uma clara

distinção entre a Igreja do Crato, com seu apego ao tradicionalismo e seu caráter hermético no tocante a Juazeiro e a Igreja do padre Cícero, fundada no movimento sócio-religioso dos romeiros e na devoção ao padrinho. Na entrevista coletiva em que foi feita a divulgação desta carta pastoral, indagado sobre este aspecto, Dom Fernando disse que

“Ora, somos todos filhos da história. Embora não tenhamos presenciado os fatos históricos na época da vida do padre Cícero, todos nós herdamos o que da história recebemos. E esta, digamos assim, animosidade, talvez seria o termo mais apropriado entre as duas cidades, é um resquício histórico e certamente vai além da experiência do padre Cícero. Tem outros motivos que fundamentam essa rivalidade entre as duas cidades. Mas, graças a Deus, chegou o tempo em que os povos da terra não se olham mais como inimigos, mas como irmãos.

(...) Vamos então unir forças, somar forças deixando de lado aquilo que no passado poderia ter sido motivo de divisões. Vamos crescer juntos, creio que faz parte da minha missão de bispo também convocar o povo para esta unidade. Tudo que é fragmentado não expressa, não é algo que possa ser sinal de vida, ao contrário, é sinal de ruína, é sinal de destruição, é sinal de morte. Juntar as nossas forças.

A questão também, digamos, da reabilitação do padre Cícero, claro que aqui em Juazeiro não podia ser diferente, é mais sentida porque Juazeiro é a terra adotada pelo padre Cícero, é a cidade que o padre Cícero fundou. Creio que devemos estar muito atentos nesta avaliação da animosidade entre Juazeiro e Crato. As duas cidades querem crescer. O crescimento de uma não pode se dar a prejuízo da outra. As duas crescendo juntas e agora, quem nos une neste crescimento humano, cívico, cristão, social, como Igreja, é aquele que, como Jesus, foi dito e ainda pode ser dito por alguns como o sinal de contradição, o padre Cícero (Entrevista coletiva concedida à imprensa em Juazeiro do Norte, em 08.11.2003)”.

Pareceu-me que o bispo com essas colocações procurava situar-se acima das querelas regionais, não considerando o real impacto de se afirmar bispo da Igreja do Crato diante do povo de Juazeiro, embora seja comum se referir à diocese a partir do município em que se localiza. Mais que isso, esta afirmação

também pode ser interpretada como uma demonstração de força face aos setores mais conservadores e tradicionais do clero, sobretudo o cratense, que não vêem com bons olhos essas transformações e que pouco se identifica com a religiosidade presente em Juazeiro.

O ponto a considerar é que a Diocese de Crato, criada em pleno fervor da questão religiosa e dentro da política de romanização e expansão do controle da Igreja, alinhando-se na composição de um cinturão de segurança em torno de Juazeiro, durante muito tempo excluiu as romarias de suas ações e obliterou a importância do padre Cícero, tornando-se efetivamente a Igreja do Crato, em contraposição ao movimento de Juazeiro, ou à forma de ser Igreja em Juazeiro, às crenças e práticas religiosas populares vivenciadas naquela localidade. Ao propor a reconfiguração desta situação, colocando Juazeiro como destaque pastoral e encetando esforços para a reconciliação do padre Cícero – a meu ver a expressão mais adequada seria reconciliação com o padre Cícero, Dom Fernando promove uma rearticulação nas relações de forças que compõem o campo religioso católico no Cariri. Contudo, vale salientar que, o fato de o bispo capitanear essas transformações não significa, contudo, que elas sejam consenso entre o clero.

Atualmente, o esforço da diocese no processo de reconfiguração da Igreja do Crato é de fomentar a construção de uma política pastoral em relação à Juazeiro e, simultaneamente, realizar um trabalho de mudança de percepção e posicionamento desta instituição em relação ao movimento sócio-religioso de Juazeiro do Norte. Este esforço resulta de uma ação lenta, silenciosa, ancorada em iniciativas individuais de religiosos que vêm, ao longo dos anos, trabalhando e acolhendo os romeiros devotos do padrinho.

Trata-se de um trabalho iniciado por especialistas, em atenção às demandas e pressões da massa de leigos que aflui a Juazeiro, e em contraposição à perspectiva dominante entre próprios especialistas do campo religioso em discussão. Os padres e freiras que deram início aos trabalhos junto aos romeiros podem ser considerados como marginais entre os especialistas, por voltarem-se para a compreensão do ethos e da religiosidade do romeiro e a realização de trabalhos pastorais junto a eles. Como visto acima, no interior da estrutura eclesial nordestina, o

clero tendia a receber uma formação contrária ao padre Cícero e ao movimento romeiro. Entretanto, nomes como padre Murilo, podem ser vistos como outsiders nesta estrutura. As irmãs agostinianas, sobretudo, merecem destaque especial por estarem duplamente à margem desta estrutura, pois além de realizarem trabalhos, não fazem parte do clero. Ocupando as franjas desta estrutura marcada pela negação do movimento e da figura do padre Cícero, e pela ausência de uma política pastoral diocesana face às romarias, conseguiram estabelecer um trabalho pastoral perene e consistente junto aos romeiros. Aliás, naquele contexto, pode-se supor que só conseguiram realizar este trabalho por que eram marginais. Sobre este aspecto, como disse a irmã Teresa, “era até bom [não ter uma atenção maior das autoridades eclesiais] porque eles não atrapalhavam” (Depoimento concedido em Juazeiro do Norte, 28.01.2002).

Ao realizarem trabalhos pastorais sem os auspícios da Cúria, esses especialistas transitavam entre duas formas de ser Igreja, a Igreja do Crato e a Igreja do Padre Cícero, entre o mundo disciplinar, hierárquico, ortodoxo, eclesial, ao qual eram subordinados e a quem deviam obediência, e o mundo das práticas e representações dos devotos que, embora católicos, possuíam uma vivência religiosa até certo ponto independente da mediação operada por sacerdotes. O fato de, regra geral, os romeiros não serem acolhidos pela Igreja oficial em Juazeiro nunca se constituiu em impedimento para continuarem acreditando no padre Cícero e fazendo suas romarias. Cientes disso, esses especialistas procuravam acolher pastoralmente esses fiéis, através não só da celebração de missas, mas também confessando e aconselhando. Este acolhimento está baseado na idéia de evangelização e, dentro do atual quadro da diocese de Crato, deve perpassar também as diversas instâncias que compõem o campo religioso em tela. Imprimir um novo olhar sobre as romarias e sobre o padre Cícero implica na necessidade de se reevangelizar o clero, até então renitente no que diz respeito a esse tema, e evangelizar o povo de Juazeiro, que em boa medida tira proveito das romarias, sobretudo em termos econômicos, mas que nem sempre possui uma visão positiva a respeito do movimento e do romeiro. Pareceu-me que o bispo com essas colocações procurava situar-se acima das querelas regionais, não

considerando o real impacto de se afirmar bispo da Igreja do Crato diante do povo de Juazeiro, embora seja comum se referir à diocese a partir do município em que se localiza. Mais que isso, esta afirmação também pode ser interpretada como uma demonstração de força face aos setores mais conservadores e tradicionais do clero, sobretudo o cratense, que não vêem com bons olhos essas transformações e que pouco se identifica com a religiosidade presente em Juazeiro.

O ponto a considerar é que a Diocese de Crato, criada em pleno fervor da questão religiosa e dentro da política de romanização e expansão do controle da Igreja, alinhando-se na composição de um cinturão de segurança em torno de Juazeiro, durante muito tempo excluiu as romarias de suas ações e obliterou a importância do padre Cícero, tornando-se efetivamente a Igreja do Crato, em contraposição ao movimento de Juazeiro, ou à forma de ser Igreja em Juazeiro, às crenças e práticas religiosas populares vivenciadas naquela localidade. Ao propor a reconfiguração desta situação, colocando Juazeiro como destaque pastoral e encetando esforços para a reconciliação do padre Cícero – a meu ver a expressão mais adequada seria reconciliação com o padre Cícero, Dom Fernando promove uma rearticulação nas relações de forças que compõem o campo religioso católico no Cariri. Contudo, vale salientar que, o fato de o bispo capitanear essas transformações não significa, contudo, que elas sejam consenso entre o clero.

Atualmente, o esforço da diocese no processo de reconfiguração da Igreja do Crato é de fomentar a construção de uma política pastoral em relação à Juazeiro e, simultaneamente, realizar um trabalho de mudança de percepção e posicionamento desta instituição em relação ao movimento sócio-religioso de Juazeiro do Norte. Este esforço resulta de uma ação lenta, silenciosa, ancorada em iniciativas individuais de religiosos que vêm, ao longo dos anos, trabalhando e acolhendo os romeiros devotos do padrinho.

Trata-se de um trabalho iniciado por especialistas, em atenção às demandas e pressões da massa de leigos que aflui a Juazeiro, e em contraposição à perspectiva dominante entre próprios especialistas do campo religioso em discussão. Os padres e freiras que deram início aos trabalhos junto aos romeiros podem ser considerados como marginais entre os especialistas, por voltarem-se para a compreensão do

ethos e da religiosidade do romeiro e a realização de trabalhos pastorais junto a eles. Como visto acima, no interior da estrutura eclesial nordestina, o clero tendia a receber uma formação contrária ao padre Cícero e ao movimento romeiro. Entretanto, nomes como padre Murilo, podem ser vistos como outsiders nesta estrutura. As irmãs agostinianas, sobretudo, merecem destaque especial por estarem duplamente à margem desta estrutura, pois além de realizarem trabalhos, não fazem parte do clero. Ocupando as franjas desta estrutura marcada pela negação do movimento e da figura do padre Cícero, e pela ausência de uma política pastoral diocesana face às romarias, conseguiram estabelecer um trabalho pastoral perene e consistente junto aos romeiros. Aliás, naquele contexto, pode-se supor que só conseguiram realizar este trabalho por que eram marginais. Sobre este aspecto, como disse a irmã Teresa, “era até bom [não ter uma atenção maior das autoridades eclesiais] porque eles não atrapalhavam” (Depoimento concedido em Juazeiro do Norte, 28.01.2002).

Ao realizarem trabalhos pastorais sem os auspícios da Cúria, esses especialistas transitavam entre duas formas de ser Igreja, a Igreja do Crato e a Igreja do Padre Cícero, entre o mundo disciplinar, hierárquico, ortodoxo, eclesial, ao qual eram subordinados e a quem deviam obediência, e o mundo das práticas e representações dos devotos que, embora católicos, possuíam uma vivência religiosa até certo ponto independente da mediação operada por sacerdotes. O fato de, regra geral, os romeiros não serem acolhidos pela Igreja oficial em Juazeiro nunca se constituiu em impedimento para continuarem acreditando no padre Cícero e fazendo suas romarias. Cientes disso, esses especialistas procuravam acolher pastoralmente esses fiéis, através não só da celebração de missas, mas também confessando e aconselhando. Este acolhimento está baseado na idéia de evangelização e, dentro do atual quadro da diocese de Crato, deve perpassar também as diversas instâncias que compõem o campo religioso em tela. Imprimir um novo olhar sobre as romarias e sobre o padre Cícero implica na necessidade de se reevangelizar o clero, até então renitente no que diz respeito a esse tema, e evangelizar o povo de Juazeiro, que em boa medida tira proveito das romarias, sobretudo em termos econômicos, mas que nem sempre possui uma visão positiva a respeito do movimento e do romeiro.

A chegada de Dom Fernando vai catalisar essas transformações em curso na diocese de Crato. Bispo estrangeiro, pertencente a uma ordem cuja tradição missionária é uma de suas principais características, o franciscano Fernando provocou fortes abalos na estrutura conservadora da Igreja do Crato, ao expressar a voz de milhões de devotos. Através da posição ocupada nesta estrutura, começa a promover uma desestabilização no conjunto dos habitus que fundamentam as práticas e representações do clero e de parte da população caririense. A entrada de Dom Fernando pode ser considerada um evento que atualiza e, portanto, transforma as relações entre os grupos que compõem o campo religioso em tela.

Ao se distinguir radicalmente de seus antecessores, Dom Fernando vem promovendo uma série de alterações na forma como o movimento sócio-religioso de Juazeiro vem sendo tratado há quase um século. Uma primeira alteração diz respeito à própria reorientação na perspectiva e na forma de atuação em termos institucionais da diocese de Crato. Não se trata, como visto acima, da mera vontade do bispo de mudar os parâmetros de compreensão e atuação no que diz respeito ao padre Cícero e ao movimento romeiro. Trata-se de uma mudança institucional, ratificada em documentos oficiais e sintonizada com um contexto mais amplo marcado por disputas no mercado religioso, por revisões encetadas pela própria Igreja, e por interesses de ordem econômica e política. É a direção do palácio episcopal, ancorada

em segmentos minoritários, que promove um realinhamento no campo de forças constituído pelas relações entre os diversos grupos que compõem a diocese.

E difícil precisar que rumos e resultados essas mudanças trarão para as romarias de Juazeiro e para Ja diocese de Crato. De qualquer modo, é possível vislumbrar pelo menos dois grandes desafios intrinsecamente relacionados para o atual episcopado (ou para quem quer que dê prosseguimento a essas alterações): Dom Fernando conseguirá superar o cisma velado da Igreja no que tange às transformações que vem sendo introduzidas? A Igreja do Crato mudará de feição no tocante a Juazeiro, deixando de ser uma Igreja omissa e conservadora para se tornar uma Igreja missionária?

Ainda não é possível dar resposta para essas questões, e para outras tantas, algumas delas silenciadas durante décadas, que surgirão à medida que as transformações em curso avançarem, acelerando a dinâmica das relações entre os atores sociais envolvidos. Entretanto, um dado não pode ser desconsiderado – a maior romaria brasileira, realizada sem o incentivo ou controle da Igreja sempre foi feita e continuará sendo realizada independente da ação da Igreja. Como afirma o padre Murilo, “as romarias de Juazeiro se farão com a gente, sem a gente, ou contra a gente” (Entrevista concedida ao Diário do Nordeste de 02.05.2005, p. 9).

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Salatiel. O Joaseiro celeste: tempo e paisagem na devoção ao padre Cícero. Tese de Doutorado. Brasília:UNB, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2001
- CORTEZ, Otonite. A lua da civilização. Representações dos cratenses acerca do fenômeno religioso de Juazeiro (1889-1960). Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado, UFRJ, 1999.
- DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joaseiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- PAZ, Renata Marinho. As beatas do padre Cícero. Participação feminina leiga no movimento sócio-religioso de Juazeiro do Norte (CE). Juazeiro do Norte: Edições IPESC/URCA, 1998.
- _____. Para onde o vento sopra. A Igreja católica e as romarias em Juazeiro do Norte. Fortaleza. Tese de doutorado, UFC, 2005.
- QUINDERÉ, Mons. José. “História Eclesiástica do Ceará”. In GIRÃO, Raimundo (org.). O Ceará. Fortaleza: Ed. Fortaleza, 1966.
- STEIL, Carlos Alberto. O sertão das romarias. Um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

JORNAIS CONSULTADOS

Correio Brasiliense, de 07/10/2001; O Povo, de 20/07/2004; Diário do Nordeste, Caderno Especial de 24/03/2004; O Povo, de 29/03/2004; Diário do Nordeste, de 21/04/2005.